

O COMBOIO EM PORTUGAL

<http://ocomboio.net>

049 "O MEU CAIS DE ACENOS"



"O MEU CAIS DE ACENOS"
TEXTO DE PEDRO LEITÃO
FOTOGRAFIAS DE "FOTO ALIANÇA" (?) - ARQUIVO PESSOAL DE PEDRO LEITÃO
E DARIO SILVA (CONTEMPORÂNEAS)

PUBLICADO ONLINE EM MAIO DE 2008

O Meu Cais de Acenos

PEDRO LEITÃO

Ando aqui há duas horas, na plataforma, esperando meu filho mais velho, que regressa de férias, os senhores devem saber o que são saudades, ainda há quinze dias, se tanto, o vi partir deste mesmo cais, e já as saudades me moem. Calculei mal a hora da chegada, foi o que foi. Para alegria minha, esperava-o ver sair daquela automotora tristonha, que, disciplinadamente, há coisa de três quartos de hora, estancou, toda ela suspiros, a meus pés, despejando uma leva de indefinidas caras, haveriam de ser turistas que chegavam do infinito, desse infinito projectado, ao longe, pela via férrea. Vim cedo, acreditando, piamente, que seria aquela composição, marcada pela hora, a trazer-me, ileso, o filho. Pois não o trouxe, e outra, lá na sua vez, haveria de cumprir aquele concreto destino, por uma tarde de Agosto. Mais uma hora de espera, só mais uma, paciência, há-de vir no próximo, decerto os transbordos atiraram-no para o próximo comboio, que chegará tão tristonho e suspirante como o que chegou agora mesmo, há coisa de três quartos de hora. É a mecânica. E, afinal, contando bem este tempo, dou comigo aqui há duas horas, deambulando pela velha Estação de Braga, a plataforma da linha número um, essa centenária linha número um, que sempre deu fuga fácil a quem saísse, em mal chegando a Braga, de-

pressa ficara vazia, como sempre foi, melhor assim, porque, em tal lapso, de memórias também depressa se encheu este meu velhinho cais de acenos; se hoje espero, depois de há quinze dias ter acenado com o desejo desta espera, também há 40 anos não deixei de fazer exactamente o mesmo. Era a África o destino da linha número um, cá para mim não havia outro, mas a África, pela noção dos meus tenros anos, não ia além do fundo visível da linha número um, lá onde, depois da partida deste cais, o comboio desaparecia aos poucos, com seu elegante serpenteado, rastejando como cobra andarilha. O entortado da forma, além da locomotiva fumegante, cada vez mais minúscula, deixava enxergar os últimos acenos de lenços brancos, brancos lenços de quem já longe fosse, eram mãos fora de janelos andantes, ora assim mesmo ainda parece que vejo meu pai ao longe num longo aceno, naquele dia em que partira para África, Oh! Raios o partam, que não pára de acenar. É ele ainda que acena, não é mãe? Pois é, filho, acena-lhe tu, que ele ainda te há-de ver. E perdido então o comboio das vistas, meu pai já estava em África! Saltasse a última carruagem aquele ponto concreto, à distância tremelicante pelos lampejos de muita ferraria reluzente, e, zás, o comboio haveria de pôr asas para vencer algum precipício que nesse além houvesse.

Pois ando aqui há duas horas, na plataforma, os senhores hão-de desculpar-

me a intromissão, são as saudades..., estou a falar, esclareça-se, com um pequeno grupo de ferroviários, novatos de cara e de ofício, em momento de tolerado descanso, enquanto esperam por novas ordens, aqui na Estação de Braga, lá pelo fim desta tarde de sábado, aquecido Agosto, já estarão longe, levados por outros comboios, à certa nunca mais os verei, o que é pena, porque há sempre enigmas a desflorar em cada ferroviário. Pois não imaginam quanto gosto faço em estar aqui, e, mais isto e mais aquilo, dou comigo a fazer-lhes uma prédica contra a inconveniência dos modelos bárbaros das antigas retretes da velha gare, Aquilo, senhores, era obrar de cócoras, como antre o milho, o único luxo estava no direito a alguma intimidade e a pousa-pés, de porcelana modelado, para ajudar à boa pontaria de nadegueiras aflitas. Quem ler soubesse e porventura descaísse, ligeiramente, os olhos para aquela porcelanazinha a seus pés ficava a saber, por gorduchas letras em alto-relevo, que eram louças da afamada marca "Valadares", o que não aquecia, nem arrefecia, quando muito distraía o incómodo da posição. Mas melhor, muito melhor do que isso, se acaso as vistas deambulassem por outros ângulos, em tais momentos de suave alívio, eram os brejeirentos escritos que vian-dantes, a coberto do anonimato cobarde e decerto sem grandes pressas, deixavam registados naquelas paredes de solidão nenhuma, como marcas indeléveis de talentos pataqueiros, a glo-



Estação de Braga - embarque de tropas portuguesa para França, 1917 (?)

sa variava entre o afoito e a insinuação, "Neste lugar solitário toda a vergonha se acaba, todo o cobarde faz força, todo o valente se..." vejam-se lá as coisas que não inspiravam as antigas retretes "Valadares"! Mas era o que havia de melhor, senhores...

Pois estou eu aqui há duas horas e ainda agora me não escapou também, nesta plataforma, a manhã pieguenta em que a família toda viera despedir-se da Belinhas, serviçal quarentona com bons dotes, que partia para o Brasil, chamada por carta de maridão, para afinal regressar de lá mais matrona do que senhora, já os cravos floriam, o dianho da mulher estava aflitinha de todo, Ele há retrete na carriage? A partida era daí a nada e não é que lhe dera para verter águas à última da hora, lá na sua terra era só escachar as pernas e esguichar grosso, saia abaixo, para a berma, mas aqui não, Vá ali num instante, até parece que ainda estou a sentir aquela contrariedade do Chefe da Estação com sua altiva condescendência, boné branco a pontificar em uniforme castanho-escuro, hirto na compostura, apontando a bandeirinha vermelha, esmeradamente enrolada, na direcção dos lavabos, Vá ali num instante e volte já! O ramal de Braga, senhores, por

esses tempos, não ganhava para luxos; até Nine, fosse a passagem de primeira ou de segunda classe, a soltura ficava em casa, que as carruagens ao serviço do ramal não se interligavam para abrir caminho ao “WC”; como as do “foguetete”; o comboio rápido, que demorava umas seis horas só do Porto a Lisboa; entrássemos numa delas, pela portinhola respectiva, e não mais se cibandava para parte nenhuma, era o mesmo que entrar num cubículo, assento corrido por uma banda, assento corrido por outra, caras frente a frente, qual diligência californiana, cada carruagem, de um verde escurecido, haveria de ter, que me lembre, uns quatro compartimentos assim. Só uma vez por outra lá entrava no conjunto, atrelado, carruagem a modos de carro eléctrico, com largueza de espaço em seu interior, aí, sim, já se podia desenferrujar os ossos, até tinha varandim e alpendre de ferro trabalhado, atrás e à frente, por exigência simétrica. Os revisores refugiavam-se debaixo daqueles alpendres, às vezes aventuravam-se até às escadinhas de acesso à carruagem, dum lado e doutro, e em bom andamento, espreitavam, perigosamente, o percurso, lá uma vez por outra, por gozo, fincavam um pé no último degrau e deixavam ir o outro suspenso, balançando-o ligeiramente, com as mãos firmes no varão. Pois é verdade, senhores: por falta de “WC” no comboio, o bom labrego, português de Braga, que ao Porto fosse uma vez na vida, de cesta merendeira, ficava azougado de todo com tanta falta de humanidade. Mal entrasse neste cais era um degredado, como que se lhe dissessem Anda, desenrasca-te!

Calhava de estar já dentro da carruagem e sentir aquela vontade indómita de evacuar, para, na santa ignorância do horário de partida, correr, indiferente, à retrete da estação, Esta porra há-de esperar. E descendo calças e ceroulas, despontava-se-lhe logo uma presuntada de céltica raça, praguejava então contra o mau jeito, Pagar bilhete e ainda tenho de arrear à caçador; vai daí, a perturbar tais reflexões, vinha a mulher de lenço de merino pela cabeça gritar-lhe cá do pátio lá para dentro que a geringonça ia de abalada, não tardava, e, passo para lá, passo para cá, num bater de socos suplicante, pelas almas pedia ao Chefe da Estação que esperasse pelo seu homem, que ali estava, coitado, às voltas com a tripa. Oh! Senhora, isto não é à vontade do freguês, ninguém o mandara, na hora, à retrete. Vou dar partida ao comboio, horas são horas. Para a pobre mulher aquilo era o mundo a desabar, Vem-te home, sai-me dessa loca, ai senhores, já um silvo atordoante ecoara por toda a gare, e o raio do celta lá saía, enfim, dos lavabos, aviltado, carcela e cinto por apertar, fralda ao léu, mal agarrando calças ainda inseguras, aos tropeços até à plataforma, Amanda-te, mulher, amanda-te para a carruagem!, e com todas as aflições lá saltava, ele mais ela, com o “quimboio” a fugir-lhe, lentamente, dos pés, rapazolas de abalada para a tropa compraziam-se com a troça, Oh! Velhinho, veja se não traz o calhau colado às ceroulas, e até Nine a galhofa reinava, com risos desbragados. Pois, meus senhores, eu cá sou do tempo, e só passaram 40 anos, em que partir da Estação de Braga também era um acon-

tecimento patrioteico. Um certo sargento lateiro em fim de carreira, que desposara, havia vinte anos, uma dama braguesa, modelo Dona Aurora, tutu para dentro, tutu para fora, e bem abonada de peitos, vinha a cada passo a este cais despedir-se do filho único, que andaria a cursar guerrilha de alto gabarito na Academia Militar ou na Escola do Exército. O rapaz botava farda de gala, cinzenta dos pés à cabeça, camisa branca, preta gravata a condizerem com aquele velho tom castrense, mais boné da mesma cor, lá com seus prateados na pala, que deveriam meter respeito ao magala mais pintado em rebeldias. Pelas tardes de domingo, ainda longe vinha a hora do comboio, o galante acompanhava sempre os pais ao vai e vem pelo Passeio dos Tristes, que circundava o miolo urbano da cidade, Rua do Souto, Rua do Castelo, Rua dos Capelistas, Rua Justino Cruz, nada mais do que esse quarteirão central. E não é que já ia, por essa maré, primorosamente fardado, em pose de general e a passo a modos de marcha fúnebre, chegadinho à mamã, a mamã de braço dado com o papá, que trajava à paisana um fato cinzentão, senhor de uma bigodeira à velho coronel prussiano, rosto de lavrador nutrido, e uns pontos negros a despontarem-se-lhe no nariz batateiro. O filho gozava por essas marés licenças de fim-de-semana, concedidas de tempos a tempos. E com uma carreira risonha pela frente, insinuada pelo pomposo uniforme, a morder de invejas os polidores daquelas esquinas, que à vista dele não passavam de uns cábulas, condenados a mangas-de-alpaca, havia de aproveitar



Estação de Braga - embarque de tropas portuguesa para França, 1917 (?)

os restos da folga, até à partida do comboio, para impressionar com os bordões o que os seus dotes naturais vez alguma conseguiriam seduzir. Fosse ele reduzido à insignificância geral dos mortais menos afortunados, e veríamos! As meninas do liceu, já a puxar corpinho, faziam-se então àquelas ruas, em grupos, para lançar o olhar furtivo a namorico há muito debaixo de olho (as liberdades daqueles tempos, senhores, só quase permitiam os domingos para que andassem atrás dos amores da sua vida). Ao primeiro embate, tomavam-no por manequim, haveriam de teimar que o garção saíra, sem tirar, nem pôr, da casa de fardamentos do velho Vilela, na Rua do Souto, que Deus tenha. Como fosse Domingo e a loja estivesse fechada, decerto perderiam a aposta, se fincassem o pé na jura. Ora, consistindo o Passeio dos Tristes numas quantas voltas ao quarteirão para os que iam e vinham, estava visto que as donzelas haveriam de se cruzar com ele umas poucas de vezes seguidas, a matemática concedia dez minutos, não mais, a cada um daqueles reencontros fugazes, só não era certo o exacto ponto de cada intercepção, para isso seriam necessários aturados cálculos à média horária do passo, compassado, do janota e seu paternal séquito e do andar de procissão das meninas, o que a tanto ninguém metera ombros. Às primeiras voltas, o jovem cadete ainda escapava como forasteiro distintíssimo, daqueles a quem se desculpam certos excessos de elegância. Mas, lá pelas segundas e terceiras voltas, o pano caía de cima abaixo, quando aqueles apurados olhos femininos des-

cobriam no embuste uma cara conhecida, e de ginjeira, Olha, olha, o Chiquinho cagão! Até parece o Rei da Prússia. Deu-lhe para boa, não há dúvida. Ai pela vigésima volta, o gozo miudinho já levava uns bons quilómetros de expansivo riso. E para evitar descomposturas, as raparigas desviavam-lhe, levemente, o olhar malandro, simulando uma súbita desatenção por algo exposto em montra mais luzidia. A pândega assim corria animadíssima até um pouco antes do cair da noite. Era então que o felicíssimo casal e seu promissor rebento -até ali de mala guardada, por obséquio, na Pastelaria Benamor- iniciavam, solenemente, a descida aqui à Estação de Braga, os carros de praça da Arcada muito ganharam à custa deles, tantas foram as vezes a andar de lá para cá, podem-no crer, meus senhores. Pois chegados a esta plataforma, suas excelências tomavam logo a dianteira, só não havia mestre-de-cerimónias que abrisse alas, nem passadeira de púrpura cor que apartasse dali os magalinhas, essa ralé então fardada de bombazina cinzenta coçada, com bivaque enfiado por debaixo das platinas, que transformava a gare numa enxovia até à partida do comboio, Ó pá, o gajo há-de ser tinente! Por reflexo condicionado, alguns faziam-lhe a continência, perfilados; outros, duvidando da patente, pois achavam-no novo de mais para puxar galões de oficial subalterno, detectavam algo de diferente naquele enfardanço, mediam-no de alto abaixo. Depois, coçando a nuca, rodavam o tacho, viravam costas, e, já de mãos nos bolsos, assobiavam ostensivamente, o que empertigava logo o paizinho do

nosso menino, por ser pouco dado a insubordinações da soldadesca, não fosse ele sargento, sargento-ajudante! O estar à civil não quer dizer nada, ouvirem, seus teros? E, já exaltadíssimo, era ele quem mesmo decidia puxar dos galões a praças e recrutas, a modos de desforra que compensasse aquele desdém votado ao filho, Que ainda há-de ser vosso capitão e, de caminho, major, não tarda! Acto contínuo, ia ao bolso do casaco, tirava a carteira, remexia papeis, desenterrava cartões e, lá por fim, dizia, triunfante, Cá está! Era o seu bilhete de identificação do Exército, com foto que o punha mais novos uns cinco anos. Erguia-o bem alto, para que não restassem dúvidas de que estavam diante de um respeitável representante da classe dos sargentos e digníssimo progenitor de um major em gestação, ora tomem! Ordenava, então, aos insurrectos que lhe batessem a pala, aqui mesmo nesta gare. Os tropinhas, claro, acobardavam-se, pelo vislumbre de tanto autoritarismo (os filhos do povo tanto levantam a crista, como a baixam, é por essas que as revoluções não andam, nem desandam, meus senhores). Tinham medo de ir bater com os costados ao Forte, pelo menos cuidavam que um sargento podia mais do que um capitão; de bem, se não livrasse um tipo da tropa, era com os cordelinhos que o safava de ser mandado, com canhota de atirador às costas, para o cais de Alcântara, a caminho de África; de mal, muito menino seria para as tecer! O Forte era o presídio militar, uma choça que ficava lá para Elvas, onde iam penar refractários, retilões, repontões e toda a cáfila de indiscipli-



Estação de Braga - embarque de tropas portuguesa para França, 1917 (?)

nados ou de traidores à pátria. Elvas havia de ficar a um dia de comboio, só isso assustava, Cruzes canhoto, antes a morte do que tal sorte! Pois assim vergados à voz de comando do lateiro, que até já havia apalavrado cunha para apressar a reforminha como tenente chico, os magalas lá levavam, enfim, as pontas dos dedos unidos à testa, e, esticando a palma da mão, condescendiam numa continência “à fuge que te agarro”. Dando-se por quitado em tal refrega mental, que repunha a disciplina, o sargento afastava-se, com altivez, da turbamulta, recompondo casaco e colete, gravata e colarinho, punhos e botões, para regressar às saias meiatijelentas da mulher e ao uniforme garboso do filho, que continuaria a valer tanto como o papel de embrulho aos olhos daqueles mancebos. Estava-se então quase na hora da partida, as carruagens estendiam-se, certas, pelo correr desta plataforma, saibam os senhores que aqui chegavam sempre ao empurrão de locomotiva sôfrega, resfolegando de mil cansaços, em manobra de marcha-atrás que espertava a atenção breve dos labruscos moços, banzados com a técnica, Ó Tone, destas vacas sem cambão não temos, nós, lá em Sobradelo, para arrecuar a carroça, ó não? Pois isso... Ora, a ordem para o embarque, mal as carruagens aqui estancassem, essa, senhores, ninguém a dava, nem mesmo o sargento à paisana se atrevia a organizar um embarque ordeiro, em dois minutos já havia janelos com vidraças descidas, e um enxame de rostos a assomar de sorriso arreganhado, gozando de camarote a triste figura dos que ainda entrassem aos en-

contrões. Por mor do rebuliço, o mal ou bem-parecido cadete ficava-se para último, recebia as derradeiras despedidas da senhora sua mãe, que não parava de passar a mão pela farda, sacudindo, ao de leve, ora uma linhazinha teimosa, ora algum cabelito oleoso, ora uns respingos de caspa coladiça pela laca, enquanto lhe lembrava que não se esquecesse de passar em casa da Tia Irene, com a tijela da marmelada e o frasco do mel, se acaso fosse ao Bairro Alto, Já mandei dizer por carta que a encomenda ia pela tua mão... Emproado, o senhor seu pai instruía-o com recomendações sumárias sobre deveres, Um oficial aguenta as urinas, sem tугidos, nem mugidos, ouvistes? Não esqueças que no Ultramar um homem quer-se teso... Aos poucos, este cais, senhores, ia ficando deserto, um a um já estavam todos embarcados; depois, era só esperar pelo primeiro solavanco, para que a gare começasse a correr, lentamente, como corre um filme na tela, até parecia que não era o comboio que andasse. De cabeça ainda fora dos janelos, a soldadesca podia então gozar a atitude patética do sargento, correndo tropegamente, com as pernas arqueadas, aqui na plataforma, à compita com o lento afastar do comboio, gesticulando para o filho que dizia adeus com o boné. E em tom vibrante, à despedida, gritava-lhe deste cais, como se gritasse em desespero de causa, A Pátria, a Pátria, tudo pela Pátria! Uma saraivada de vaias e uma chuva de manguitos desabavam-lhe, então, daqueles janelos, era a soldadesca, já a salvo de retaliações, que se desferrava, alegremente, sem peias

para todos os impropérios, Chico, rabiço, gatuno, filho da p...! Certo seria que só por azar, só mesmo por tremendo azar, o tornariam a ver. De mais a mais, nem ele seria capaz de os reconhecer um a um, se acaso houvesse uma próxima vez, tantas são as caretas que correm mundo. Enfurecido com aquela patacada, o sargento em fim de carreira acabava derrotado, no fim desta plataforma, feito fanfarrão, a destilar ameaças atrás de ameaças, em altos berros, cuidando que ainda fosse ouvido, Eu que vos acasse, eu que vos acasse aqui, e vereis! Depois, perdida a sensação de um último silvo já longínquo, mas pelo vento da noite trazida até aos sentidos dos que aqui ainda se apeassem, como indicação infalível de que o comboio estaria a vencer o apeadeiro de Ferreiros para se lançar em desenvolta marcha, esta Estação de Braga, senhores, mergulhava em profunda letargia. De vivalmas já pouco pulsava daí em diante, o Chefe da Estação, esse recolhia-se, como ermita, ao seu gabinete, a este mesmo gabinete, em cuja entrada agora descansam os senhores, está tal e qual como o espiara da primeira vez, quando, pelo ano de 1961, embarquei, numa ida pela volta a Lisboa, para ver meu avô, que se apagou aos 103 anos, na Quarta-feira Santa de 1996, (só conseguia ser mais novo dezoito anos do que esta mui centenária gare, tomem boa nota da proeza do senhor José dos Santos Leitão, de sua graça terrena).

Dos carrejões, que fardavam casaca e calça de um azul-escuro carregado, só uma vez por outra se ouvia um asso-



Estação de Braga - embarque de tropas portuguesa para a Guerra Colonial (inícios da década de 70) (?)

biar melodioso, mas tão triste como aquelas noites, com que queimavam o tempo, até à chegada e partida dos últimos comboios, quase ninguém os via, andavam submersos pelos recantos obscuros da estação. Às vezes, saídos da escuridão que cobria a via-férrea, vindos não se sabe de onde, lá emergiam do fundo desta plataforma um maquinista e algum seu ajudante, vinham meios enferrujados, envergando algo parecido com o fato-macaco, a meus olhos, senhores, passavam por limpa-chaminés. Cabisbaixos, segurando cada qual uma maleta metálica na mão, decerto já vazias da bucha de um dia, transmitiam pelo semblante tanto triste, tanto alegre uma imensa nostalgia, contagiavam o viandante solitário, que aqui se quedasse, com essa gostosa dor d'alma a que chamámos saudade, sobressaltavam-no com o tumultuoso desejo de partir e não partir para todas as terras distantes, só os ferroviários as trazem, só as ferroviários as levam, como se dissessem, à chegada e à partida, Estes meus olhos transportam todas as terras, subitamente, distantes... Com o seu caminhar pesaroso, maquinista e ajudante chegavam, enfim, ao meio deste pátio, e espreitavam para o gabinete do Chefe da Estação, aproveitando a porta entreaberta. Um deles, o mais velho, o maquinista, enfiava a cabeça lá dentro, dizia qualquer coisa imperceptível, uma voz respondia-lhe que sim, Então até amanhã, e retirava a cabeça cá para fora, entreolhando, por vezes, algum viandante ocasional, como quem faz o favor de olhar, para desaparecer com o companheiro, uns metros aí à frente, por essa

saída de serviço, que ainda interrompe o muro de vedação, há anos que passou a estar fechada a sete chaves, tal qual há mais tempo assim estará aquele velho portão de ferro forjado, esse mesmo que ali está, ao fundo, no exacto términus do ramal de Braga. Por esses tempos, senhores, nunca havia maquinistas a cirandar pelo interior do edifício da gare, à confiança com os passageiros, que entrassem ou saíssem. Só os subalternos do Chefe da Estação, com uniforme mais ou menos igual ao dele, pois unicamente não se lhes via aquele boné branco que emprestava ao Chefe da Estação a elegante figura de um almirante, só esses se permitiam certas liberdades de movimentos dentro das instalações. Eram até intrometidos, senhora nova com menino pela mão ou ao colo não lhes escapava, tentavam meter conversa, o pretexto era quase sempre inofensivo, Então, esperando alguém? Daí por diante, já estavam a tirar nabos da púcará. À porta, no acesso a esta gare, estava sempre um desses funcionários uniformizados, quase vos juro que, por esses tempos, também se pagava bilhete só para permanecer aqui, à espera de alguém, que chegasse de comboio, ou para vir aqui despedir-se de quem estivesse de abalada, quase vos juro, meus senhores, O cavalheiro vai embarcar? É que se não vai... Era um funcionário alto, de meia-idade, que dirigia, ostensivamente, a palavra a meu pai, julgo que por se ter escapado, num descuido, ao controlo de entradas e saídas, Sim, sim vou embarcar. (Foi a primeira vez, meus senhores, que ouvi a palavra "embarcar" sem discernir bar-

co algum a dois palmos da testa). Então meu pai, seguro de si, mas contrafeito com a despropositada diligência do paspalho, mostrou-lhe o bilhete, daqueles pequenos bilhetes de cartão velho da CP, mil vezes reciclado, que cabiam no bolsinho das calças, reservado às moedas, Aqui o tem, como vê não estou a mais, nem a menos! E o homem alto, nada mais tendo a reclamar, deu dois passos atrás, os suficientes para que regressasse à entrada principal, retomando a sua pose de sentinela, pernas abertas, mãos atrás das costas, queixo erguido e espinha dorsal esticada para mais acentuar a sua aparência de poder, Quem é aquele homem, pai? Queres mesmo saber? Olha, é um parvalhão! Meu pai chamava parvalhões a todos os funcionários públicos que pecassem por excesso de zelo, via sempre neles as marcas toscas do torno salazarista, Até nas estações temos de aturar essa gente! Assim o ouvi segredar a minha mãe, ainda moído pelo insignificante incidente, mas que, desde aquela maré, viaja sempre comigo, quando vou de comboio. Durante muito tempo, meus senhores, mantive, até por isso, um conflito insanável com os pardacentos revisores, que sobram da "antiga senhora"; uma vez travei-me mesmo de razões com um revisor autoritário, É a última vez que o aviso! O "pica" apareceu-me de chofre, ia eu de cigarrinho ao canto da boca a saber-me pela vida. E não foi que, em tom prepotente, me disse que era a última vez que me avisava, se persistisse em fumar dentro da carruagem. "A última vez?", essa é muito boa: o senhor só está a falar, agora mesmo, comigo, é a

A Estação de Braga, 2002.



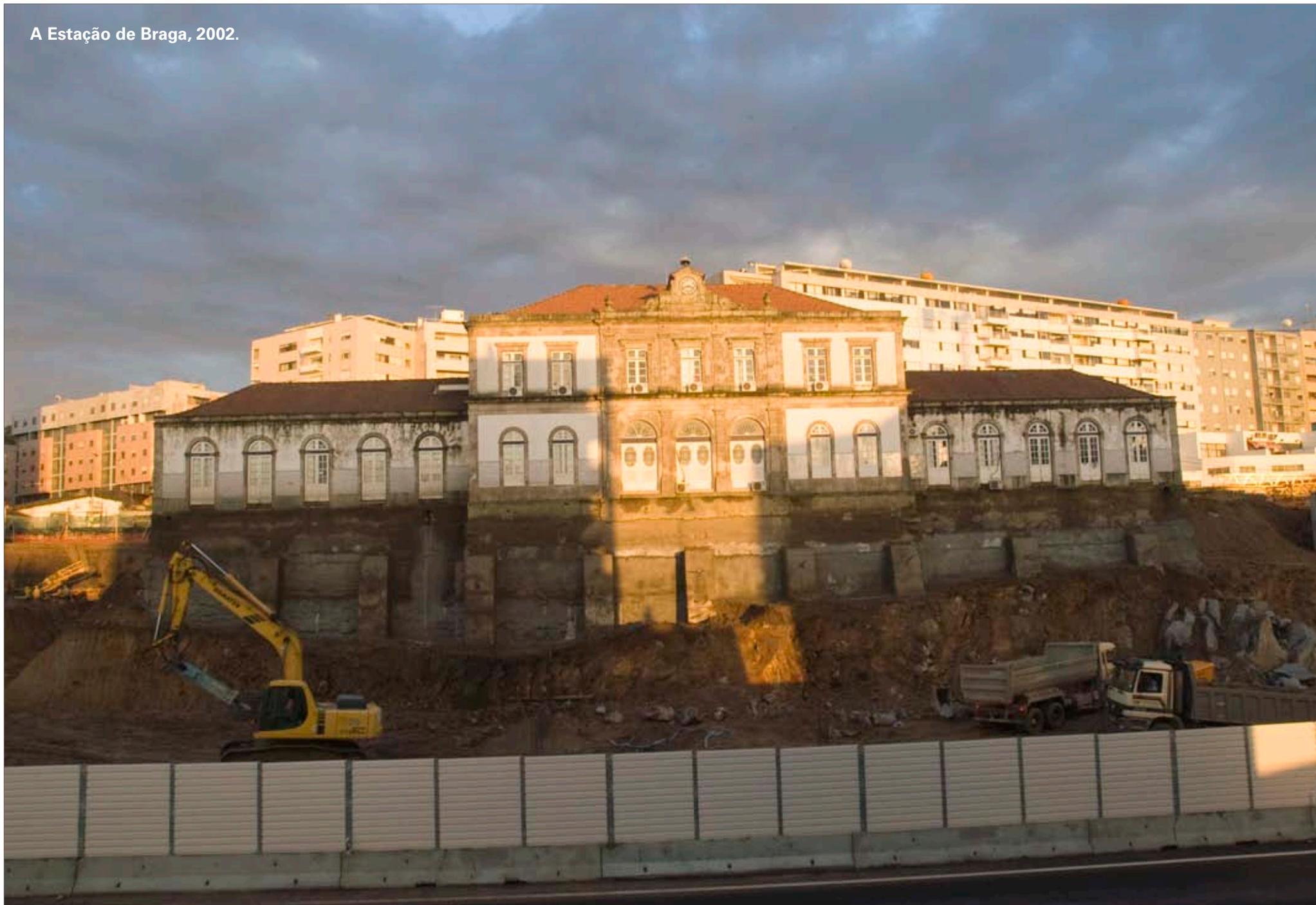
primeira vez que me avisa, e está-me a dizer que é pela última que o faz; quem o ouça até parece que andou toda a viagem a avisar-me. Parvalhão! Bati-lhe o pé, e chamei-lhe ainda fascista, cometendo a imprudência de ignorar que um revisor da CP pertenceria à classe dos ajuramentados, ou por outra, valeria tanto como um bófia, fazendo também fé em juízo. Na Estação de Famalicão, aproveitando aí mais uma paragem do comboio, tive de saltar da carruagem, para lhe fugir, estava ele de esferográfica apontada a papéis timbrados, aquilo cheirou-me a formulário criminal, Vai já ver o “fascista”, que daqui não sai até eu..., disse ele, disparando, logo de seguida, Ora, identifique-se! O homem sujara a branca folha com uns sarrabiscos inúteis, decerto já teria anotado a hora exacta do delito, o destino do comboio e outros “nos conformes”. E ia prosseguir o relambório com nome, idade, estado civil, filiação, o que para ele seria como mel na sopa, não fosse eu declinar o obséquio de lhe passar o “bêi” para as mandíbulas; depois, claro, houve que zarpar dali, “e à pernas para que vos quero!”. Decisão acertadíssima, de que não me arrependo ainda hoje, saibam os senhores que a fuga é um direito dos seres livres, só que, nessa altura, tive de deixar para trás a minha escola comunística, onde aprendi a técnica do protesto, e entregar-me, por alongados momentos, à minha outra escola, a escola jesuítica, que me ensinou a técnica do silêncio contemplativo. Como cheguei a Braga? Olhem, cheguei à boleia de uma alma caridosa, que apanhei à saída de Famalicão. E, mais uma vez, dei comigo a

concordar que havia males que vinham por bem, pois que cheguei a Braga mais depressa do que o comboio, a espera pelo transbordo em Nine demorar-me-ia, à certa, uma boa meia hora! Mas tempos houve, senhores, que abancava nessa meia-lua, desenhada pelo muro que está, ali, ao fundo, muito curvilíneo, a correr do Largo da Estação para a Rua do Caires, delimitando a servidão ferroviária do domínio urbano. Pois do lado de fora desse muro, bem à vista do escasso tráfego que então entrava na Rua do Caires em fuga para o Porto, estive muitas vezes de polegar erguido, esmolando boleia. Mas era uma pedincha desportiva: se pingasse, muito que bem; se não pingasse, muito que bem à mesma. O comboio cá estaria para suprir, à última da hora, uma eventual falta de caridade. Nesse caso, era só trespassar a parte devassada do muro e saltar para o trem com partida à tabela, com uma mão pedia boleia, com a outra micava o horário dos comboios. Saibam que era só pelo jeito que dava aquele poiso. Mas aceito que não fosse dos melhores para que pingassem boleias catitas para o Porto, os “profissionais” do expedito modo de viajar preferiam, (e aconselhavam) a saída, lá muito mais à frente, na Praça do Condestável, em cujo centro a Câmara, sufragada, mandou erguer, por ímpeto bairristico, a estátua ao “Tone Cabeçudo”. Sabem quem era o “Tone Cabeçudo”? Não sabem? Ó senhores: era o presidente da Câmara fascista, a quem meu pai ofereceu, certa vez, lá pelo fim da segunda guerra, um enxerto de porrada, dos frisos do Teatro-Circo, estava o Tone Cabeçudo a

mandar postas de pescada, debruçado de um camarote, para um carbonário qualquer, alapado na plateia, ou por outra, dizendo-lhe que fazia e acontecia (até aconteceu que, uns oito anos antes, no chafariz da Arcada, ele e outros legionários, embriagados pelo fervor germanófilo, pegaram fogo ao indefeso sargento Caseiro, velho republicano e antifascista confesso. Não fora um tal coronel Norton acudir-lhe e o pobre do homem acabava feito numa tocha, desse pecadão não reza a estátua. Andaria então aquela turba de fachos ardentes pelas garras e de hinos quentes pelas goelas, desagravando a bombita, que, havia dias, quase mandara Salazar para o Cabaré Le Ciel, sem direito a réservado, só não tendo ido dessa vez, porque o Criador estava de olho nele e logo lhe disse que, para zaragateiros, já bastavam os que lá havia, daí que mandasse L’Arcanje Saint Gabrielle pô-lo na fila para uma próxima espoletada, e se não estivesse contente, que esperasse pela queda da cadeira, melhor não se podia arranjar; de mais a mais já tinha de atuar as intermináveis discussões filosóficas entre Marx e Santo Agostinho e não estava agora para suportar as lições do “Botas”* sobre o Moderno Direito Alemão).

Eu cá o só conheci todo flatulento, era ele governador civil; porém, meu pai tratava-o como bicho de estimação, Olha que a ti faço, como se faz aos meninos: dou-te tau, tau, ouviste, ó Tone Cabeçudo! Este mimo, lá no Teatro-Circo, pelo fim da guerra, depressa correu as alcateias oposicionistas de Braga, que depois o celebraram, em surdina,

A Estação de Braga, 2002.



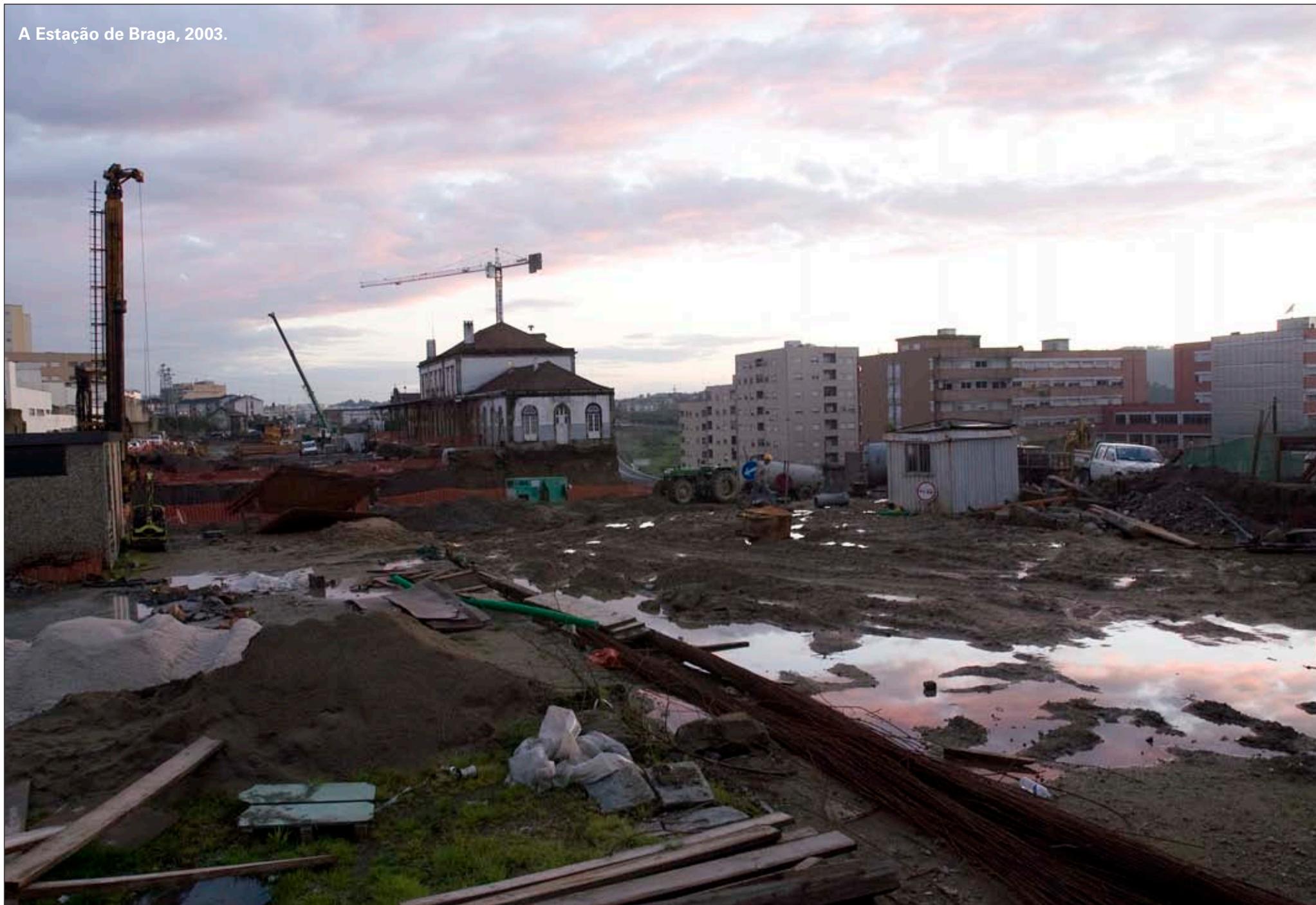
às mesas dos cafés. De sorte que daí em diante o homem passou a ser conhecido como “Tone”, pelo António, e como “Cabeçudo”, pela cabeçorra, nem o bigodito pardo, que lhe conheci pelo fim da vida, conseguia tirar grandeza àquela abóbora. Era de um patriotismo sem igual, e mesmo comovedor. No memorável comício, que organizou no Teatro-Circo em defesa desesperada da Índia portuguesa, então à beira de uma expropriação por utilidade humana, provou que era bem capaz de se deitar a afogar pela ditosa pátria, sua amada, naquele momento esvaziaria até o paiol de pólvora espanhola, que lhe engordara o negócio de estanqueiro, para matar a fome a muita boca sequiosa. Num empolgante discurso, desancou em Neru e no seu séquito de «ladrões», sarapintou o velho Império com as inapagáveis cores do Portugal desconhecido, que ia do Minho a Timor, com uma perna às costas, sem pedir licença a ninguém, para o alegre saque, e proclamou, lá dos altos, com o braço bem erguido, naquela pose profética, tão bem retratada pela estátua, que nem de propósito, “Amanhã, se necessário, partiremos para a Índia, de armas na mão. A defesa da Pátria não pode esperar!” O tom bíblico, que imprimira àquele final arrebatador, petrificou a assistência, e um brevíssimo silêncio varreu a grande sala, que estava à pinha. Meu pai, que só lá tinha ido em missão de espionagem por conta própria, e tendo por companhia ocasional o doutor Carlos Magalhães, mastigou em seco a tirada, Partir amanhã para a Índia?! De armas na mão?! E, em voz alta, quebrando aquele pasmanço ge-

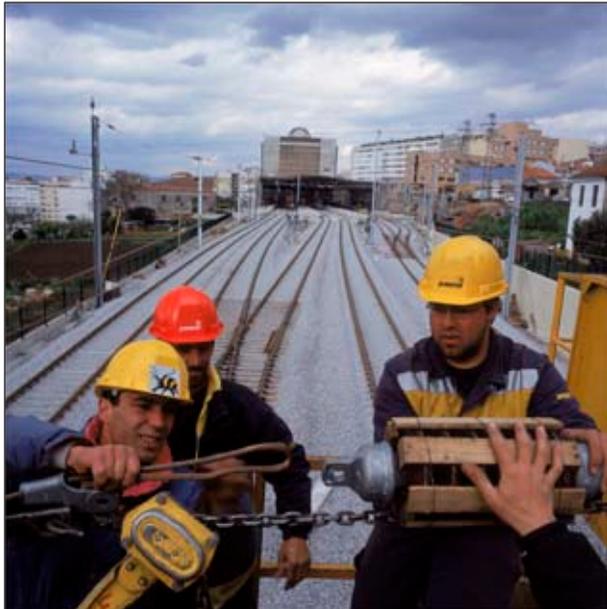
ral, disparou para o companheiro do lado, a modos de anjinho, como se fosse um desmancha-prazeres, “E se chover, doutor?” - Se chover, não vamos!, exclamou, de pronto, Carlos Magalhães, correspondendo, muito generoso, à embaraçosa farpa. (Ao outro dia, pela manhã, alguém telefonara para os Paços do Concelho, dizendo que falavam do quartel de Braga: “Bom dia, é do gabinete do senhor presidente da Câmara?” - Sim, sim, quem fala, por favor? “Aqui é do Regimento de Infantaria 8...” - Sim, o que deseja? “Queríamos saber se o senhor presidente vinha cá hoje tirar as medidas...” - Mas que medidas? “Sim, as medidas...” - Desculpe, não estou a perceber... O alto funcionário, que atendera a chamada, ficou embaraçado, e pediu à voz do outro lado da linha que esperasse um instante, enquanto dirigia a palavra, em tom baixo, a outrém, próximo de si, “Ó senhor presidente: é do quartel, querem falar com o senhor...” - Do quartel? intrigou-se Santos da Cunha, “Sim, do quartel...” - Passe-me cá o telefone. Está lá, quem fala? “Bom dia, aqui é do Regimento de Infantaria 8, era para saber se o senhor presidente vinha cá hoje tirar as medidas...” - As medidas para quê? insistiu Santos da Cunha, com o seu vozeirão prepotente. A voz do outro lado da linha - que se apresentara como sargento, incumbido do recadofez-se explicar melhor, “As medidas para a farda do senhor presidente...” - Mas que farda? “O senhor presidente disse ontem à noite que estava pronto a ir combater para a Índia e, certamente, vai precisar de farda...” - Ó seus filhos da p..., vou vos mandar prender a

todos, eu que saiba, eu que saiba quem está aí...).

Mais tarde, pouco depois da vassourada que sacudira apenas o pó ao regime, com aquela amostra de revolução em 1974, pôde meu pai deliciar-se com um mergulho nadegal no velho cadeirão do Governo Civil, pelo que sei, um cadeirão já há muito desactivado para a pública cousa, mas o mesmo onde, quatro anos antes, Santos da Cunha roçara o fundo das calças. A marotice aconteceu quando tinha acabado de tomar posse o doutor José Sampaio como primeiro governador civil do novo regimen democrático de pendor intelectual-ó - porreguessista. Ora, meu pai, não re-freando em si o contentamento, pedira a José Sampaio o pouco que se pode pedir em momentos de júbilo revolucionário: Ó Zé, agora deixa-me sentar, aí, no cadeirão do Tone Cabeçudo! O político emergente condescendeu, pela velha amizade, com um faz que deixa e não deixa, terá fingido que não viu, e o pai Leitão afundou-se, enfim, lá nesse almofadão, de um lilás furunculoso, pelo surro nos labores, contemplando, refastelado, o largo gabinete, como se ainda descortinasse, atrás dos ricos reposteiros, o covil dos esbirros. Pois, meus senhores, esse alto dignitário do salazarismo também era um bom cliente da CP; nesta gare, encheu uns tantos comboios, dos que seriam fretados pelos sacos azuis, com carradas de povo lorpa para o levar a Lisboa àquelas manifestações espontâneas, no Terreiro do Paço, de apoio ao ditador Salazar, o Botas. O senhor Freitas, o saudoso senhor Freitas, tendo integrado, uma ou

A Estação de Braga, 2003.





A Estação de Braga, Março de 2004.

duas vezes, por oportunidade, não por convicção, aquelas incursões patriotas na capital, não deixou de ter a sua piada, quando, depois de uma longa viagem desde Braga, debaixo de calor intenso, se viu perdido do resto da manada, à saída da Estação de Santa Apolónia. Deu-se o caso de ter ido apenas a um dos bares, dos que abundavam à ilharga da imponente gare lisboeta, matar o secção que lhe ficara do suplício que constituía essa peregrinação sobre trilhos à Meca assalazarada. Sem água, nem água-pé! Pois fora num passinho e viera noutro, num passinho é como quem diz, mas o bastante para que, em mal tendo regressado à rua, já não visse, nem Santos da Cunha, nem seguidistas em chusma. Atarantado, dirigiu-se então a um polícia de giro, com a voz já toldada, Ó sô guarda, faz favor: vocelência não viu, por acaso, aí à vara, a massa associativa do Santos da Cunha?

Constou-se-me que, nessa tarde, o senhor Freitas, decididamente perdido por cem, decididamente perdido por mil, terá preferido inebriar-se com a gostosa maresia, que sopra Tejo acima, e contemplar, maravilhado, a imensidão do estuário, dando a viagem por mais bem empregue. Pior, muito pior, seria ter ficado com a carneirada a soldo, lá no Terreiro do Paço, a vomitar ámens a batidos responsos, Quem manda? - SALAZAR! Quem governa? - SALAZAR! Viva o Senhor Presidente do

Conselho! -VIVA! Viva Portugal! –VIVA! E viva o “quirolho”, lá terá matutado, a salvo do bulício amorfo, o senhor Freitas, enquanto espraia as vistas pelo inumerável casario, que aquelas águas- subitamente intransponíveis deixavam vislumbrar, lá ao longe, na outra banda, como esconderijo de mil ditames, mil misérias. Pela tardinha, fez-se a Santa Apolónia e embarcou, de regresso, com aqueles gentios, avinhados. Chegou, senhores, a esta Estação de Braga cambaleante, já a madrugada pedia cama. Badalou-se-me que em casa terá ouvido das boas, pela hora tardia, o que não dará história, tantas foram as vezes que pecara na gula, molhando a palavra. Mas ainda estou para saber se não foi dessa vez que ocorreu o que dele consta de mais picaresco, também por ter chegado tarde a casa; reza a patranha que a sua cara-metade já estaria deitadinha, quando ele entrara no quarto, pé ante pé; com jeitinho acendera o pequeno candeeiro da cómoda, não fosse acordá-la de sono solto. Sem bulir nada de nada, descalçara sapatos, despira calças. Ia para tirar as cuecas, e eis que ouve o que não esperava ouvir, como se a Sé desabasse naquele instante. Foi a mulher que implodira, despeitada, Olhe-me para essa indecência! Que indecência? perguntou, balbuciante, o senhor Freitas, mirando-se de alto a baixo, quase lívido pelo sustozinho - Ainda pergunta! Sim, essa indecência aí..., retorquiu-lhe a mulher, apontando o dedo acusador



A Estação de Braga, 2004.

A Estação de Braga, 2004.



à nódoa imunda em volta da braguilha. Era uma enorme mancha encarnada, mas que de sangue não era, nem podia ser, talvez fosse de algum borrão de vinho que vazasse, enquanto fresco, das calças para as cuecas, Talvez fosse isso, pronto, cuidou ele, falando com os seus botões. O desaguizado alcoviteiro estaria para lavar e durar o resto da noite, não fosse a madame Freitas ter dado uma volta na cama, repuxando o lençol para cobrir melhor a cabeça, sinal de que não queria mais tretas, pelos jeitos estaria amuada. Mas o marido, assim como assim, ainda puxou mais conversa, Ó mulher! exclamou ele - O que há agora?, perguntou-lhe ela, mal-humorada, condescendendo à treta, por excepção- Há quantos anos estamos casados?, continuou o senhor Freitas - Pouco me rala isso agora! respondeu ela por entre dentes, Pois é: a ti acontece-te esta porra uma vez no mês e não há chus, nem mus; a mim só de longe a longe e é um barulho do c.....!

Estou-vos a falar do senhor Freitas assim ao léuzinho (e mauzinho), mas saibam que vestido era um verniz. Os senhores, se lerem a bom ler o nosso grande Júlio Dinis, hão-de descobrir

um bocado do patusco Freitas naquele latinista pimpão, que se desfaz em mil medidas diante do amanteigado Henrique de Souseilas: também ele era assim sobre o pequerrucho e todo em bicos de pés; um tanto nutrido de faces, com barbela a encobrir-lhe o caroco e a fazer dobra abaixo da cova do queixo; primava por ser algo alagadiço em perfumarias para penteados, até a carequita, que começara a irromper-lhe testa acima, resplandecia; fato muito seu nunca o seria sem casaco aos quadros, entretela bem rematada a golas pontiagudas, com falsa casa de botão nos bicos, para feitiço, camisa alva, gravata clássica, de pintinhas floreadas ao de leve, e por menor de classe- lencinho branco de rendinha, afundado no bolso do peito, com ponta triangular a despontar-se-lhe, delicadamente, pela abertura, tal qual o periscópio de um submarino. Fosse à missa, fosse à borga, carregasse andor de Cristo Flagelado, na Semana Maior da Paixão, ou rolos de tecidos para enfardar banda de música, por encomenda de algum clérigo amante das filarmonias, nunca por nunca largava nenhum dos seus vistosos fatos. A última vez que o vi foi, justamente, nesta Estação de Braga. Ainda o recordo aqui, muito bem enfatuado, acompanhá-lo-ia a mulher e mais não sei quem. Corria a cabeça pelas carruagens, acabadas de chegar, estaria esperando alguém; em jeito de pé de dança, dava passinhos para a frente, passinhos para trás, passinhos para o lado, dissimulando uns bicos de pé, fiquei em crer que tentaria um saltito para que melhor visse, cá de fora, a ondulação de troncos que rebentara, lá dentro, nas carruagens, era gente que pegava malas, que desembarcaria daí a nada, afogando-o; sôfrego, procurava, então, esgueirar-se de empurrões, tinha os braços soerguidos, movendo-os, como se nasdesse de bruços, determinado a enfrentar a

cadência da vaga. Fosse esta gare mais alta-neira do que já o será em relação ao Cávado, e teríamos o senhor Freitas a rebolar, a bom rebolar, com um único empurrão, por esse vale abaixo, como se fosse o barrigão do nosso D. João VI que rebolesse: garanto-vos, senhores, que só parava lá no rio, flutuando, apipado. Perdi-o das vistas, nesse instante hilariante, e quis o fado que nunca mais o visse em mais parte nenhuma da minha Braga catita, que recua ao tempo dos Carros Eléctricos, ainda parece que os vejo a passar junto a esta Estação, coisa bonita de se ver, os comboios aqui e a “vaca amarela” a parar aí à frente, à beira do desaparecido quiosque, num estilo belle époque parisiense, do velho Joaquim, bom homem e bom padrinho; aliás, nunca deixava a tinir o afilhado, o Leite, um esmero de menino, quando fora meu condiscípulo. Sempre que o visitava naquela guarita, com a interesseirice própria das crianças, o pequeno Leite nunca se despedia do padrinho sem os bolsos a abarrotar de guloseimas, que camuflavam uma moedita de dois e quinhentos, enfiada a modos de fingimento, Vezes não são vezes, ora vá lá. O senhor Joaquim, de peles enrugadas e pálidas, dava-lhe, ainda, a beber refresco de groselha, em copo de vidro côdeorento (não é que não os lavasse bem, tinha até um pequeno lavatório lá dentro com abundante água da companhia; o mal daqueles copos, senhores, era o seu muito uso, estariam, ali, há uma eternidade, no meio de frascos de paciências, de chupa-chupas, de caramelos ou de rebuçados S. Brás). Pois era por aí, pouco importando ao caso se era mais metro à frente, menos metro atrás, que o Eléctrico parava à vinda, porque, à ida, a recolha de passageiros fazia-se defronte, no passeio que dava entrada à antiga e prestigiada Fábrica de Móveis Soares Barbosa. Era a linha Maximinos- Bom Jesus, a mais longa

das duas que cruzavam a cidade (a outra, Monte D’Arcos- S. João da Ponte, e vice-versa, com passagem pela Arcada, valia muito pouco para passeatas, não deixou grandes saudades); fiquem a saber que, em Maximinos, o Eléctrico tinha, como ponto de chegada e partida, o pequeno largo, que chegou a dar, por uns tempos, jeitosa esplanada ao Café Polo (haveria nesse local de embarque e desembarque uma linha dupla para eventuais manobras); mal dali partisse para bom começo de nova e peregrina viagem ao Bom Jesus do Monte, atirava-se, todo mecha, à entortada Rua Direita, rua direita, sim senhor, porque era a menos torta de Braga, quando a rasgaram muito antes do século XVIII; o próprio Eléctrico balançava, desajeitadamente, por quase toda a largura desse arruado assim sobre o esguio, parecia uma chiquita pandorca mal treinada para o salto alto, de traseiro arrebicado e gelatinoso, toda não me toques, que me desafinas, a contas com as costuras, e derretida pelos calores, Oh! Perdoem-me, senhores, a saborosa imagem, mas agora é a minha infância que nele já vai e vem, folgadamente, impelida pelo libertino curso da memória, Lá vem a “bailarina”, o queixume das donas de casa, raladas pela devassa, escapava, repentino, mas audível, das janelas daquelas alegres casinhas. A primeira vez que espiolhei, de relance, as suas térreas e despidas saletas ia eu, senhores, debruçado nos janelos do Eléctrico, Olha que cais, chega-te para cá, não sejas teimoso, o Eléctrico está a andar. Os cuidados maternos, logo nesse início de viagem, não chegavam para impedir os impulsos da curiosidade. Pois se enxergava tudo do bom e do melhor de cima do Eléctrico, haveria que gozar, de tribuna andareja, esse espectáculo fortuito, ou não acham? E era divertido, fazia caretas ranhosas às mulheres, e mais umas quantas obscenidades



Seiscentos bracarenses embarcam rumo à Linha do Douro. Estação de Braga, 2006.

dedais, que foram das primeiras ordinari-
ces que aprendi, mal cheguei a Braga, ao
dar-me, depressa, à confiança com a nata
da gandulagem amiudada e reguila; era
mulherio que surpreendia nesse anda-
mento fugaz, via-o entrincheirado naque-
las saletas, costurando umas, engoman-
do outras. Com a palma da mão elas
respondiam-me, lá de dentro, com ges-
tos recriminatórios, ao jeito do se te apa-
nhoavas pela medida grande, dizendo,
num pasmo, Olha o pirralho, que atrevido!
Atrevidas seriam elas, que não se cui-
davam em pudícias: os primeiros seios
repolhudos da vida saltaram-me aos
olhos através daquelas penumbras, a
cortina estava mal corrida, por imprudên-
cia, e a possuidora dos ditos, decerto
numa muda rápida de sotiã, expô-los,
nuzinhos, com o exacto tamanho com
que teriam terminado o crescimento. A
culpa, senhores, era do trilho, pois que
corria a menos de uma unha do passeio à
nossa mão direita, rente às casas; se tom-
basse, o Eléctrico levaria desgraça àque-
las janelinhas; ademais, o passeio não
dava para dois gatos, ainda hoje assim é
por toda esse andanço da Rua Direita,
até as mães corriam, previdentes, a reco-
lher os filhos pequenos, que à porta brin-
cassem, tlim, tlim, tlim, era o guarda-

freio, avisando que lá ia máquina;
rotinado, o Sevilhinha assomava, pé fora,
pé dentro, à porta da sua acanhada bar-
bearia, a meio de uma barba, lançando
um olhar diagonal e efémero ao cometa
metálico da arrastadeira rolante, os trinta
à hora desfaziavam-na toda, o cobrador,
um tal senhor António- que acabara a por-
teiro da Fábrica Malas Ferreira, já de bengala
pela mão para fincar uma maldita per-
na de pau – lá ia picando os primeiros
bilhetes, enquanto remexia a bolsa de
cobrador, de couro gasto, mas cheia de
tostões, à procura de trocos, os passagei-
ros, muito sentadinhos, lá com seus tre-
jeitos de acomodados, e ele de pé, atento
aos trocados, a balancear pelo movimen-
to, com um passo em falso e outro em
chão seguro evitava, a espaços, o dese-
quilíbrio, mas sabia dar o passo certo
sempre que passava de um passageiro
para outro, Então para onde é a ida? per-
guntava, mecanicamente, molhando a
ponta do polegar com cuspe para melhor
folhear o maço dos bilhetes - É para Ave-
nida Central, assim calhava de responder
o passageiro, Ora faça o obséquio..., di-
zia o senhor António, passando o bilhete
e esperando pelo dinheiro, correndo as
vistas pelo interior do Eléctrico.....